

Recontado por
**ARIANE MIECO
SUGAYAMA**



**I am
a bird
now**

**ANTONY
AND THE
JOHNSONS**

mojo
BOOKS

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

Antony and the Johnsons
I'M A BIRD NOW
recontado por

ARIANE MIECO SUGAYAMA

MAIO DE 2008
VOLUME 65

MOJO
BOOKS

antony and the johnsons
I'M A BIRD NOW

recontado por

ARIANE MIECO SUGAYAMA

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E RICARDO GIASSETTI**

DIREÇÃO DE ARTE: **DELFIN**

REVISÃO: **DANILO CORCI**

CAPA DESTA EDIÇÃO: **MOJO FACTORY** com Hieronymus Bosch



PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. Hope there's someone
2. My lady story
3. For today i am a boy
4. Man Is the baby
5. You are my sister
6. What can i do?
7. Fistful of love
8. Spiraling
9. Free at last
10. Bird girl

ANTONY AND THE JOHNSONS I'M A BIRD NOW

LANÇAMENTO: **2005**
SELO: **SECRETLY CANADIAN**



SONORIZAÇÕES TERRITORIAIS

I. A CAMINHO...

Logo após o desjejum do quinto dia de viagem, Nat deixou, apressadamente, o carro-restaurante para aproveitar a cabine vazia de seu quarto, pois a senhora com quem viajara desde o primeiro dia de Transiberiana, ainda estava parada no corredor, entre o vagão das refeições e as cabines-apartamentos, conversando com uma mulher que reconheceu também ser portuguesa. Demorariam muito ali, nem sequer haviam aberto a portinhola onde estavam os tíquetes de seus cafés. Assim, Nat percebeu que este seria o melhor momento para, deitada em seu beliche, relembrar calmamente os últimos dias que esteve na companhia de Tina e Pedro.

Estaria sendo injusta com eles? Estranhou esse pensamento. Era apenas uma viagem turística, voltaria em três meses, era algo simples, até mesmo ingênuo, pois havia lido numa revista feminina que mulheres, para se livrarem de suas famílias, chegavam até mesmo a fugir sem deixar um mísero bilhete... Ou foi num filme?

De qualquer modo, esta viagem tinha o tom de uma promessa que havia feito à sua irmã mais velha, Tina, aos sete anos de idade: “Se me deixar falar mais dois minutinhos no telefone, prometo levar as cartas para o Davi ainda esta noite...”. Tina, com seus quatorze anos, sorriu surpresa

com a resposta da irmãzinha. Nat, com o telefone sobre o colo, segurou-o exageradamente longe de si e disse sussurrando: “Posso ajudar a escrever coisas bem românticas...”. A irmã apertou os lábios, não queria que Nat percebesse o quanto precisava estar junto dela, sentindo-se privilegiada de ter acompanhado a recuperação vigorosa da caçula, que também fora vítima do trágico acidente do qual seus pais não resistiram. “E você sabe o que é coisa romântica?”

Dentro da cabine, mirou-se no pequenino espelho que se encontrava atrás da porta, e enquanto passava a corrente no segundo trinco, experimentava, curiosa, o rastro daquela lembrança de infância. “O que Tina estaria fazendo agora?” Observou seu reflexo, concordando satisfeita com o que grande parte das pessoas dizia a respeito da sua feição: “Uma jovem de vinte três, vinte e quatro anos...”. Ninguém lhe dava trinta e um. Puxou a franja para trás e fez um coque rente à nuca, imaginando que quando voltasse ao Brasil todos achariam seu rosto mais grave, mais maduro, exprimindo a experiência de ter feito uma viagem tão singular sozinha. Foi deitar-se no beliche, tirou o tênis e esticou a mão para diminuir a calefação. Teria sido a parada no Baikal que a fizera se sentir culpada?

Olhou para sua mochila no chão e viu que os cartões postais escorregavam para fora... Deixou-os esparramarem para escolher aleatoriamente uma figura que a confortasse. Virou-se lentamente, e, olhando os rebites do teto, riu da sua infantil melancolia. Olhou novamente o cartão postal,

que retratava as florestas de taiga e os picos nevados que cercam o Baikal, despertando uma fresca confiança de que tudo estava se encaminhando conforme havia planejado. Afinal, ela era apenas uma turista solitária que, após a euforia da primeira parte da viagem, se confrontava com o deslocamento geográfico e a saudade de tudo que deixara. Sentiu-se bem.

Pedro foi o seu único namorado, o conhecera na faculdade. Naquela época, jamais imaginaria que ficariam doze anos juntos, contando com os dois términos que duraram em média seis meses. O primeiro foi logo depois de se formar, pois precisava dedicar-se à sua carreira de jornalista. O segundo tinha sido idéia do próprio Pedro que, ao retornar de uma viagem à América do Sul, decidira ficar só, até mesmo para conhecer novas pessoas.

“Novas pessoas?”, pensava Nat, questionando se teria valido a pena ter se acostumado com os cinco fusos horários que faziam da locomotiva um universo paralelo com regras próprias, pois tinha feito amizade apenas com Dona Conceição, sua companheira de cabine, uma senhora portuguesa que decidira, após o luto de seu marido, gastar sua aposentadoria em viagens. Riu de si mesma reprimindo-se como uma criança que fala para si mesma o quanto deveria ser uma garota educada, pois fazia muito tempo que não brigava com a sua personalidade. Não era de conhecer muita gente, a sua vida era ocupada pela sua irmã, uma amiga de trabalho e Pedro. Essas três pessoas mais sua gatinha Chauchat a preenchiam até demais.

II. THE BLACK SWAN

“Você me ama?”, Pedro perguntou quando ambos, na primeira viagem que fizeram juntos, viram na praia um garoto de dezessete anos morrer afogado. “O céu está fechando e o helicóptero ainda não chegou...”, foi o que respondeu, torcendo os dedos da mão, fazendo figas, iniciando-se em uma parte sua, que até então desconhecia. Seria ele o cara? E agradeceu a Deus por tê-lo encontrado.

“O que estaria fazendo agora?”

Nat nunca foi de ficar com muitos caras, chegou até a se envolver com uma garota, quando os meninos ao seu redor eram tolos demais. Tirando Pedro, dormiu apenas com um carinha que conhecera num bar, o qual chegou a despertar-lhe uma paixãoite, mas logo no segundo encontro percebeu o quanto ele se perdia na teatralidade das suas piadinhas que expressavam o seu desinteresse àquilo que não conhecia. “Olha aquele cara do outro lado da rua, vê? É homem ou é mulher? Meu Deus! Quem deixou isso sair de casa?”. Entretanto, Nat foi ao seu apartamento e gostou daquela noite.

A verdade é que aquilo que para muitos é uma jornada excitante, para ela a procura do amor tirava o sossego que havia conquistado na sua adolescência com a entrada na faculdade. Tendo conhecido Pedro, empenhan-

do-se em seus estudos e amadurecendo sua personalidade, foi galgando a superação da morte de seus pais. Fingiu para si mesma não ter sofrido boa parte da infância, mesmo sonhando até os dezessete anos com pássaros vermelhos de longas asas e presas fortes que a carregavam até um ninho e onde era alimentada com pequeninas aranhas.

Sua tia, irmã de seu pai, acolhera tanto ela quanto Tina, esforçando-se ao máximo para que as meninas, principalmente Nat, encaminhassem suas vidas sem rancor do que até então acreditava ser a existência: um presente de Deus. Foi um longo período de adaptação. No recreio escolar, Nat evitava as perguntas dos curiosos e os olhares condescendentes, ansiando o término do período para, à tarde, se trancafiar com Tina no quarto onde se maquiariam, vestiriam fantasias de princesas e dançariam uma música que ela própria havia composto em seu pequenino piano branco.

Assim, Nat inconscientemente inclinou-se a prezar por esses pequenos prazeres, o que não excluía estar entre as pessoas, pois Tina, com receio de que sua irmãzinha preferisse ficar consigo mesma na tortuosa fase do início da adolescência, apresentou-a a amigos para juntas irem aos bares, às danceterias. No início, estranhou, e como quem troca as cartas do baralho, na escuridão, para ganhar a partida, Nat para sua própria segurança transferiu aquela atmosfera do seu quarto de infância aos bares esfumaçados, às gargalhadas estridentes e às músicas cantadas por vozes dramáticas de mulheres do sul dos EUA:

*"The sun is falling and it lies in blood
The moon is weaving bandages of gold
Old black swan where oh where is my lover now
Where oh where is my lover now"*

III. NO CAMINHO

Teria sido uma ousadia fazer a Transiberiana sozinha?

Levantou-se do beliche. As recordações vinham com um apelo desconhecido, nem lembrava mais como foi o último encontro com Tina e Pedro, e ponderou temerosamente que seria melhor esquecê-los. Sentiu-se tola e mais uma vez infantil, uma fragilidade que há tempo não tinha espaço em sua vida veio lentamente à tona. “Onde estariam?”. Achou melhor juntar-se às outras pessoas, foi em direção ao espelho, olhou-se novamente antes de deixar o quarto, deu um longo suspiro e, olhando o seu reflexo, disse: “Uma breve viagem, apenas isso...”. Soltou os cabelos. Lembrou da frase em caracteres cirílicos que Dona Conceição traduzira no dia anterior à margem do Baikal: o lago mais profundo do mundo. Estremeceu, colocou outro casaco e saiu à procura do que se distrair.

Por não haver mais ninguém no carro-restaurante, Nat percebeu quanto tempo passara em seu quarto, perdida em lembranças que, de tão distantes, pareciam pertencer a outra pessoa. Os outros viajantes estavam no próximo vagão, apresentando a documentação para os oficiais da fronteira, pois já haviam deixado a última cidadezinha russa. Ao pé da porta, Nat viu que D. Conceição e sua nova amiga juntavam os papéis com o carimbo dos lugares

visitados, decidiu então correr até o quarto para pegar os seus documentos e o passaporte.

— Onde estavas? Estávamos a te procurar.

— Peguei no sono...

Um jovem oficial dirigiu-se a Nat, perguntando em inglês se ela era a tripulante que faltava apresentar a documentação, advertindo o quão era arriscado não comparecer no horário e no local para a vistoria pois, ao chegar à Mongólia, se o passaporte não estivesse em ordem, correria o risco de não continuar a viagem. Nat desculpou-se.

— Quanto tempo temos para chegar a Ulaan-Baatar?, disse Nat às duas senhoras.

— Estás ansiosa?

— Quero ver aquela estátua grande de Buda, sabe?

D. Conceição não escutou a pergunta, mexia em sua bolsa ao mesmo tempo em que pedia para sentarem nos lugares a fim de não atrapalharem os oficiais.

— Tome... - disse D. Conceição, entregando um presente a Nat que também acreditava naquela recente amizade.

— Para mim?

Abriu o embrulho, tirou de um saco plásticos as típicas bonequinhas russas, as *matriochkas*, reparando nos longos cílios desenhados e nas roupas pintadas que reluziam a vibração aconchegante das cores vermelho e amarelo.

— Abre, — disse a senhora.

— Tem umas menorzinhas...

E ficaram ali conversando sobre o que até então acharam da viagem, do mesmo modo que cada uma falou a respeito de seu país e suas semelhanças.

As bonequinhas foram colocadas enfileiradas próximas à janela sobre a mesa, apoiadas na parede do próprio vagão. Um senhor e sua esposa, que estavam no banco ao lado, olharam curiosos e sorriram, compartilhando o mesmo entusiasmo de estarem fazendo a Transiberiana.

IV. SÜKHBAATAR: UM PASSO À DIREITA E O ESPIRAL

“Quando você voltar, podemos fazer algo mais formal do jeito que sempre quis... Quer uma igreja?”

Que besteira se sentir culpada! Nat, após a longa conversa com as senhoras, debruçando-se sobre a mesa, lembrava da última vez que esteve com Pedro: juntos, no aeroporto, entre conselhos, promessas e saudades, empurravam a bagagem, procurando, nervosos, o vôo para São Petersburgo, de onde ela partiria. “Estará tudo em ordem, volta logo senão a Chauchat ficará na rua!”

Quería mesmo casar? Quería mesmo o que deixara?

Tina, Pedro, o jornal, sua cozinha... Levantou-se para ver a paisagem ao seu redor, encontrando apenas a vívida imagem da lembrança de um *show*, no qual o cantor repetia o refrão como um pássaro desfalecido: “*forgive me, let live me... set my spirit free...*”.

Retornava, dentro de sua alma, a um caminho conhecido, que abafara ao longo dos anos por conta da insegurança em seguir. Mas agora, tudo ao seu redor, inclusive as bonequinhas, a chamavam para percorrê-lo. Estremeceu. O que fizera? Por que confiava, agora, em si mesma? Pegou a menorzinha delicadamente, evitando acordar as senhoras que cochilavam

à sua frente e erguendo-a na direção de seus olhos, permitiu um torrencial adeus desabrochar. Não haveria volta. Seria em Pequim a primavera de sua vida? Foi quando o trem parou, e Nat leu em inglês: Mongólia, a última nação nômade do planeta...

— Vamos? - balbuciou D. Conceição, ajeitando o cabelo. — Não queria estar aqui? Chegamos!

Nat ergueu-se, respondendo para si mesma que estava pronta. *Set my spirit free*. Arrumou a roupa para confirmar que ainda existia, deixou a boneca maior sobre a mesa, levando as que restaram consigo.

Bless my destiny.



mojo
BOOKS

www.mojobooks.com.br